

**LIGAÇÃO ENTRE A CRIAÇÃO DE UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO
COM UMA COMPANHIA DE UM CLUSTER TÊXTIL, EXPLICADA
ATRAVÉS DA TEORIA DO EMPREENDEDORISMO PELO
TRANSBORDAMENTO DE CONHECIMENTO**

Henrique Azevêdo Carvalho¹

Mohamed Amal²

Marianne Hoeltgebaum³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um breve histórico sobre o surgimento do Cluster Têxtil em Blumenau, no estado de Santa Catarina, apresentando a formação da Companhia Hering em 1880, primeira indústria do segmento. Posteriormente é apresentado o processo de formação da Cooperativa de Crédito CrediHering, em 1951, pelos funcionários da Companhia Hering, passando a se chamar VIACREDI em 2001. É apresentada também a Teoria do Empreendedorismo pelo Transbordamento de Conhecimento e as possíveis relações teóricas entre o Cluster Têxtil, a Cooperativa de Crédito por intermédio da referida teoria. A pesquisa tem cunho descritivo, documental e qualitativo, apresentando de forma bibliográfica, os conceitos teóricos e reflexões.

Palavras-Chave: Cluster Têxtil; Cooperativismo de Crédito; Teoria do Empreendedorismo pelo Transbordamento de Conhecimento

ABSTRACT

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Administração (FURB). E-mail: economista.henrique@gmail.com

² Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC. Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração (FURB).. E-mail amal@furb.br

³ Doutora em Administração pela Wissenschaftliche Hochschule Für Unternehmensführung, WHU, Alemanha. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração (FURB). E-mail: marianne@furb.br

This article aims to present a brief history about the emergence of the Textile Cluster in Blumenau, in the state of Santa Catarina, presenting the formation of Companhia Hering in 1880, the first industry in the segment. Subsequently the process of formation of the CrediHering Credit Union was presented in 1951 by the employees of Companhia Hering, renamed VIACREDI in 2001. It is also presented the Knowledge Spillover Theory of Entrepreneurship and the possible theoretical relations between the Textile Cluster, the Credit Cooperative through this theory. The research has a descriptive, documentary and qualitative character, presenting in bibliographical form, the theoretical concepts and reflections.

Keywords: Textile Clusters; Credit Union; Knowledge Spillover Theory of Entrepreneurship

1 INTRODUÇÃO

Quando se estuda o cluster têxtil do Vale do Itajaí, mais precisamente em Blumenau no estado de Santa Catarina, a partir do surgimento da primeira indústria deste segmento ou sobre o cooperativismo de crédito na mesma região, não são apresentadas a existência de possíveis ligações entre estes dois fatos.

O desenvolvimento do cluster têxtil em Blumenau e a criação da primeira cooperativa de crédito da cidade, apresentam relações além das deduzidas, normalmente associadas e creditadas a imigração germânica para esta região de Santa Catarina.

Com o fortalecimento do setor têxtil no final do século XIX, início e meio do século XX, tornou-se necessário fornecer serviços e bens aos funcionários deste segmento, além do próprio emprego.

Para atender as demandas relacionadas a crédito dos funcionários da primeira indústria têxtil da cidade de Blumenau, a Companhia Hering, foi necessário criar uma instituição financeira para atender os anseios destes, sendo assim criada a CrediHering, posteriormente nominada VIACREDI.

Associando estes dois fatos, a criação da primeira indústria têxtil do Vale do Itajaí, a Companhia Hering e da Cooperativa de Crédito, a Viacredi, cabe uma reflexão conceitual sobre a ligação entre estas empresas, e neste sentido, utiliza-se a Teoria do Empreendedorismo pelo Transbordamento do Conhecimento, para justificar tal condição.

O trabalho está dividido num primeiro momento com uma apresentação do surgimento do cluster têxtil de Blumenau, com a fundação da primeira empresa deste segmento. Na segunda parte do trabalho é feito um levantamento conceitual sobre o cooperativismo, mais precisamente sobre o segmento de crédito desta atividade com a criação da VIACREDI. A terceira parte do trabalho são apresentadas análises sobre a Teoria do Empreendedorismo pelo Transbordamento do Conhecimento e o surgimento de novas oportunidades de negócios. Por fim, é apresentada uma possível ligação teórica entre o cluster têxtil de Blumenau e a VIACREDI, a partir da teoria mencionada acima.

2 CLUSTER TÊXTEL DE BLUMENAU E O SURGIMENTO DA COMPANHIA HERING

A concentração geográfica de empresas de um mesmo segmento da economia pode caracterizar a formação cluster. A interpretação desta condição pode ser feita através de posicionamentos teóricos distintos, conforme apresentados no Quadro 01.

Quadro 01 – Interpretação teórica sobre Clusters

Autor	Interpretação	Ano de Publicação
Marshall	“Concentração de indústrias especializadas em certas localidades.”	1982
Becattini	“[...] o distrito industrial é uma entidade sócio-territorial caracterizada pela co-presença ativa, numa área territorial circunscrita, natural e historicamente determinada [...]”	1989
Porter	“[...] é um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área vinculada por elementos comuns e complementares [...]”	1999

Fonte: Elaborado pelo autor

Estas interpretações caracterizam-se por serem seminais na discussão dos clusters, mas cada uma enfatizando uma particularidade. Marshal (1982, p. 231) enfatizava o agrupamento principal destas empresas, ou seja, as empresas centrais. Já Becattini (1989, p. 287) frisava a relevância das características socioculturais para existência deste agrupamento. Finalizando, Porter (1999, p. 211) debruçou sua discussão referente aos clusters levando em consideração os ganhos decorrentes das externalidades desta localidade.

Lins (2001) ao discorrer sobre as noções de distritos industriais, os clusters, os aglomerados e desempenho industrial, afirmou que “A ‘forma cluster’ configura condição necessária ao desempenho positivo do sistema local, um elemento facilitador das inter-relações, mas não garante a performance.” (p. 83), sendo assim um conjunto de empresas

do mesmo segmento e inter-relacionadas podem configurar a existência de cluster, mesmo que isto não garanta o bom desempenho destas empresas.

Apresentando o eminente histórico do setor industrial têxtil em Blumenau, sua representatividade econômica no estado de Santa Catarina, e ainda um passo para o enquadramento deste setor como a formação de um cluster Lins (2001, p. 84-85) afirma que:

“Em meados dos anos 80, Blumenau, a principal cidade da região, concentrava 51% e 46% da produção catarinense de artigos têxteis e de vestuário, respectivamente, e Santa Catarina ocupava o terceiro lugar no ranking dos estados brasileiros quer no ramo têxtil, quer no de vestuário, calçados e artefatos de tecidos, no que concerne ao valor da transformação indústria. Para a economia da região, a importância das indústrias em foco torna-se evidente quando se constata que a produção têxtil-vestuarista representa 2/3 do total da indústria de Blumenau.”

Ao apresentar um resgate histórico da formação de Blumenau para discutir sobre a formação do cluster têxtil local, Andrade (2002, p.58) afirma que:

“De 1850 a 1870, chegaram à Blumenau 4.370 imigrantes, dos quais somente 947 no período em que a colônia era provada (1850-1860). De 1870 a 1890, entraram 5.438 imigrantes, ou seja, em apenas dez anos entraram mais que nos vinte anos anteriores. No total populacional, em 1872 a colônia de Blumenau tinha 8.922 habitantes, passando para 14.981 em 1880, [...]”

Esta evolução populacional tem ligação direta com o início da formação do cluster têxtil de Blumenau. Como apresentado acima a população em 1880 já se aproximavam dos 15 mil habitantes. E neste sentido Andrade (2002, p. 61-62) apresenta mais um relato histórico afirmando que:

“O ano de 1880 marcou um divisor de águas entre a indústria artesanal e a fabril. Em uma casa de madeira com telhado inclinado localizado na Colônia de Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann Hering, emigrados da região da Saxônia, abriram as portas da Trikotwaren Fabrik Gebrueder Hering, a primeira fábrica de tecidos de malha do Brasil. A família Hering tinha tradição no ramo têxtil. Viveu inicialmente em Chemnitz e, depois, em Hartha; os registros da Igreja desta última paróquia indicam que desde 1676 todos os membros do sexo masculino da família foram, se exceção, tecelões ou mestres de tecelagem e malharia. Dessa forma, com a força do trabalho doméstico começou a fabricação de camisetas.”

Sendo desta forma possível caracterizar conceitualmente um cluster, sua ocorrência em Blumenau, e o surgimento, neste contexto, da Companhia Hering em 1880.

3 DO SURGIMENTO DO COOPERATIVISMO AO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

A ACI, Aliança Cooperativa Internacional, é uma organização não governamental que tem como finalidade representar todas as cooperativas de todos os segmentos, ao redor do mundo. Foi criada em 1895, e tem sede em Bruxelas na Bélgica, e apresenta em seu site que o movimento cooperativista surgiu:

“Em 1844, um grupo de 28 artesãos que trabalhavam nas fábricas de algodão na cidade de Rochdale, no norte da Inglaterra, estabeleceu o primeiro negócio cooperativo moderno, a *Rochdale Equitable Pioneers Society* (Sociedade dos Probos de Rochdale). [...] Eles decidiram que juntando seus recursos escassos e trabalhando juntos poderiam acessar produtos básicos a um preço menor.” (site ACI – tradução do autor).

Ao analisar especificamente as cooperativas de crédito, Búrigo (2006) afirma que as discussões basilares desta temática foram apresentadas por Hermann Schulze e o Friedrich Wilhelm Raiffeisen, ainda no século XIX. Búrigo (2006, p. 67) afirma que o alemão Hermann Schulze, por conta do movimento contrarrevolucionário alemão, perde seu cargo de juiz e após este episódio ele:

“[...] formou uma sociedade mútua para artesãos e outra para compras de mestres sapateiros. Mas essas iniciativas não o satisfizeram, convencendo-o da necessidade de instituir cooperativas financeiras, que pudessem fornecer crédito aos empreendedores. Com esta constatação na mente e a ajuda de um capital de 140 dólares – emprestados de amigos ricos – o ex-juiz Schulze estabelece, em 1850, a primeira cooperativa de crédito. Os sócios – que eram na sua maioria de origem urbana – tinham que pagar uma cota de ingresso e provar que poderiam comprar, ao menos, uma cota a prazo. Eles depositavam poupanças como capital de trabalho (dinheiro para a cooperativa operar) sobre as quais eram pagos dividendos.”

Ao apresentar a contribuição de Raiffeisen aos estudos do cooperativismo de crédito, Búrigo (2006, p. 68) ratifica que este:

“Em 1848, quando era prefeito na província de Rin, Raiffeisen formou uma ‘cooperativa de pão’ para vender farinha barata aos pobres. Sua ação fez baixar o preço do pão em toda a região. Nos anos seguintes, ele organizou várias empresas para fornecer produtos alimentícios e crédito em dinheiro aos agricultores. Fez também uma caixa de depósitos que pudesse servir de socorro para os lavradores escaparem dos agiotas.”

O modelo proposto por Reiffeisen não apresentou resultados exitosos, segundo Burigo (2006) pela falta de “solidariedade entre os sócios e os beneficiários”, e isto fez com que Reiffeisen voltasse a considerar a contribuição do seu conterrâneo Schulze.

Cientes destas instituições como pertencentes ao sistema financeiro de um país, Vilela, Nagano e Merlo (2007, p.100) afirmam que as cooperativas de crédito são eficazes no tocante à democratização do crédito e para desconcentração de renda.

Sousa e Figueiredo (2014, p. 380) afirmam que, mesmo existindo a “finalidade social” esta organização cooperativa também é:

“[...] uma instituição financeira e é regulamentada pelas normas impostas pelo Conselho Monetário Nacional e pelo Banco Central e, ademais, deve também ter o objetivo de permanência no mercado, o que impõe uma gestão eficiente dos recursos”

Havendo assim fiscalização, supervisão e normatização nas ações das cooperativas de crédito, por estas comporem o Sistema Financeiro Nacional.

3.1 A VIACREDI neste contexto

A Cooperativa de Crédito do Vale do Itajaí, VIACREDI (Cooperativa de Crédito Vale do Itajaí), foi fundada no dia 26 de novembro de 1951 na cidade de Blumenau, no estado de Santa Catarina, e tem sua história diretamente ligada a própria história de crescimento e desenvolvimento de sua cidade sede.

O processo de fundação da cooperativa teve como inspiração, segundo Pavão *et al.* (2012, p.31) os “[...] moldes da Cooperativa de Crédito das Indústrias Renner, no Rio Grande do Sul”. E complementando este histórico, Pavão *et al.* (2012) ainda afirmam que o ideal que motivou a fundação da cooperativa “[...] possui como filosofia oportunizar opções de poupança e ao mesmo tempo, crédito de forma mais acessível e simples, como também, forte motivação para facilitar aos cooperados a compra da casa própria.”.

A cooperativa foi fundada por 21 funcionários da Companhia Hering, conforme listados no Quadro 02, e até outubro de 2001 chamava-se CrediHering. Segundo Usuy (2009) foram “[...] liderados pelo presidente da empresa Ingo Hering, que ficou na presidência da cooperativa por 16 anos.”.

Quadro 02 – Fundadores da CrediHering

Ingo Hering
Walter Werner
Bruno Koschel
Max A. Schelling
Heinz Jurgen Hering
Frederico Rosemann
Frederico Frischknecht
Ricardo Fischer
Clodoaldo Machado da Luz
Leopoldo Ferrari
Victor Hering
Felix Hering
Nestor Seara Heusi
Erich Steinbach
Felix Rothbarth
Alex Herbst
Carlos Sebastião Fischer
Hans Lenz
Abran Unger
Horst Volkert
Max Fritzsche

Fonte: Elaborado pelo autor com informações do site da VIACREDI

Ainda segundo Usuy (2009), a cooperativa até a década de 60 atuava apenas em Blumenau, passando após deste período admitir como cooperados funcionários das filiais de outras cidades.

Ainda considerando este processo de expansão, Schmitt (2017) apresenta que

“A Viacredi em 13 de fevereiro de 2012 dividiu parte da área de atuação para a constituição da Viacredi Alto Vale, com o objetivo de oferecer um atendimento ainda mais próximo e personalizado, com decisões mais ágeis, facilitando a participação dos cooperados da região do Alto Vale do Itajaí, nos eventos assembleares e educativos oferecidos pela cooperativa.”.

A sede desta nova cooperativa, que surgiu pela demanda de mercado mencionada acima, é situada na cidade de Ibirama, no estado de Santa Catarina.

A VIACREDI apresenta em seu site ainda outros acontecimentos importantes que ocorreram desde a sua fundação, conforme apresentado no Quadro 03.

Quadro 03 – Principais acontecimentos da Cooperativa

Década de 50	Constituição da CrediHering, que teve como área de atuação inicial o município de Blumenau;
	Os empréstimos eram para, entre outras finalidades, construir a casa própria, comprar terrenos, máquinas de costura, bicicletas e mobília e atendiam apenas colaboradores da Cia Hering.
Década de 60	Ampliou o atendimento, admitindo como cooperados os funcionários que atuavam nas filiais da Companhia Hering. Além disso, a Cooperativa mudou a sede para um escritório próximo da portaria da Cia Hering.
Década de 70	Período de grande concessão de crédito e maior utilização dos benefícios da Cooperativa, com a expansão da Cia Hering e CrediHering.
Década de 80	Abriu novos Postos de Atendimento nas cidades vizinhas, aumentando o poder de atuação.
Década de 90	Abertura para a comunidade;
	Inauguração dos Postos de Atendimento fora das filiais da Cia Hering.
Década de 2000	Mais de 7 mil cooperados elegeram, na sua maioria, o nome Viacredi como a nova designação para CrediHering;
	Liderança no processo de criação da Central Cecred;
	Criação do PROGRID (Programa de Integração e Desenvolvimento de Cooperados e Comunidade);
	Atinge a marca de 100 mil cooperados.
Ano de 2011	Viacredi completa 60 anos.
Ano de 2012	Atinge a marca de 200 mil cooperados;
	Constituição da Viacredi Alto Vale;
	Sistema Cecred completa 10 anos.
Ano de 2015	PROGRID atinge a marca de 1 milhão de participações.
Ano de 2016	Lançamento do PROGRID EAD.

Fonte: Elaborado pelo autor com informações do site da VIACREDI

Ao final do primeiro semestre de 2018 os principais números da VIACREDI, conforme apresentado em seu próprio site, apresentam que a Cooperativa possui 84 postos de atendimento, com mais de 1300 colaboradores, gerindo um ativo total de R\$ 4,9 bilhões, atendendo mais de 450 mil cooperados.

4 O SURGIMENTO DE NOVOS NEGÓCIOS A PARTIR DE MERCADOS JÁ ESTABELECIDOS

Não apenas o desempenho dos indivíduos ou dos resultados de um segmento econômico devem ser considerados para se justificar ou rotular um ecossistema produtivo. Ao ser verificada a possibilidade de oportunidades para novos negócios entre os agentes, pode apresentar um novo modelo ou padrão de negócio.

Esta oportunidade de interação entre agentes endógenos ou exógenos de um setor, pode configurar no surgimento de novos negócios, inclusive de novos mercados. E para se observar esta estrutura sob a ótica apresentada existe a Teoria do Empreendedorismo pelo Transbordamento de Conhecimento.

Os autores Audretsch e Keilbach (2007) apresentavam esta teoria postulando que os novos conhecimentos e ideias geradas em um determinado contexto, mesmo que não comercializados inicialmente, possuem potencial de desenvolvimento.

Audretsch e Keilbach (2007, p. 1245) ainda afirmam que este conhecimento e as ideias geradas num contexto, ou segmento econômico, mesmo possuindo:

“[...] alta incerteza, assimetrias e custos de transação – as hierarquias que tomam as decisões podem chegar a decisão de buscar e comercializar novas ideias, que agentes econômicos individuais, grupos ou equipes econômicas pensam que são potencialmente valiosas e devem ser perseguidas.”

Complementar a esta ideia, Qian e Acs (2013, p. 188) acrescentam a possibilidade de se explorar esta oportunidade de forma empresarial ao afirmarem que esta teoria:

“[...] sugere um importante canal de transmissão do conhecimento transbordado e contribui ainda mais para melhor compreensão do mecanismo do conhecimento como condutor ao crescimento econômico. Identifica novos conhecimentos como fontes de oportunidades empresariais.”

Qian e Acs (2013) ainda discorrendo sobre esta teoria apresentam o *tradeoff* entre a capacidade absorptiva deste conhecimento e a velocidade com a qual o conhecimento é criado. Apresentam ainda que esta capacidade de absorção empreendedora “é definida como a capacidade de um empreendedor para entender novos conhecimentos, reconhecer seu valor e, posteriormente, comercializá-lo através da criação de uma empresa.” (p. 191).

Ainda neste sentido, Qian e Jung (2017, p.100) afirmam que deve-se efetivamente comercializar o conhecimento transbordado que possua “forte capacidade de absorção”, ou seja, utilizar de forma rápida e eficiente uma característica notadamente forte para maximizar sua possibilidade de ganhos.

Estes objetivos relacionados ao uso comercial do conhecimento transbordado e absorvido também ficam claros quando Braunerhjelm, Ding e Thulin (2018, p. 3) apresentam que “[...] muitos empreendedores e pequenas empresas exploram conhecimento existente através de sua rede e links para outros produtores de conhecimento para satisfazer suas necessidades na produção de bens e serviços.”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se analisa a estrutura de um mercado, principalmente no tocante ao papel do empreendedor neste cenário, avalia-se *como, quem e de que forma* se exerce a liderança nas corporações, porém a análise das fontes das oportunidades de negócios que podem surgir são pouco exploradas.

Sob esta ótica podemos retornar as considerações concernentes às margens que delimitam e caracterizam a formação de um cluster, podendo ser culturais, territoriais e mercadológicas, conforme apresentado em sessão anterior. Desta forma, o extrapolar destes “limites” podem ocasionar o aproveitamento de um nicho de mercado, mantendo-se as bases do setor mais antigo e robusto.

Neste sentido, após apresentados relatos sobre a formação e a relevância do cluster têxtil de Blumenau, com ênfase no surgimento da Companhia Hering em 1880, somando a este fato a criação da VIACREDI em 1951, tendo sido criada por funcionários desta indústria têxtil, e como primeiro presidente da então CrediHering, o próprio presidente da Companhia Hering, torna-se possível enquadrar esta condição à Teoria do Empreendedorismo pelo Transbordamento de Conhecimento, acima apresentada.

A necessidade dos funcionários da Companhia Hering, num primeiro momento, de adquirirem suas residências, criou uma oportunidade, então absorvida pela companhia, de atender estas demandas, criando esta cooperativa de crédito.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Guilherme de Araújo. **Dinâmica competitiva das micro e pequenas empresas no cluster industrial têxtil-vestuário do Vale do Itajaí – SC.** []2002. 161f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Economia, Florianópolis.

AUDRETSCH, David B.; KEILBACH, Max. The theory of knowledge spillover entrepreneurship. **Journal of Management Studies**, v. 44, n. 7, p. 1242-1254, 2007.

BECATTINI, Giacomo. **Modelli locali di sviluppo.** Bologna. Il Mulino, 1989.

BRAUNERHJELM, Pontus; DING, Ding; THULIN, Per. The knowledge spillover theory of intrapreneurship. **Small business economics**, v. 51, n. 1, p. 1-30, 2018.

BÚRIGO, Fábio Luiz. Finanças e Solidariedade: Uma análise do cooperativismo de crédito rural solidário no Brasil. 2006. Dissertação (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

DE MORAES SOUSA, Marcos; FIGUEIREDO, Reginaldo Santana. ANÁLISE DE CRÉDITO POR MEIO DE MINERAÇÃO DE DADOS: APLICAÇÃO EM COOPERATIVA DE CRÉDITO. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, v. 11, n. 2, p. 379-396, 2014.

LINS, Hoyêdo Nunes. Clusters industriais: uma experiência no Brasil meridional. **Revista de Economia**, v. 27, 2001.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia:** tratado introdutório. São Paulo: Abril Cultural, v. I, 1982.

PAVÃO, Yeda Maria Pereira et al. A influência dos stakeholders no ambiente estratégico de uma cooperativa de crédito: efeitos da munificência. **Ciências da Administração**, v. 14, n. 34, p. 24-38, 2012.

PORTER, M. E. Cluster e competitividade. **H S M Management**, São Paulo, v. 3, n. 15, p. 100-110, jul./ago. 1999.

QIAN, Haifeng; ACS, Zoltan J. An absorptive capacity theory of knowledge spillover entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 40, n. 2, p. 185-197, 2013.

QIAN, Haifeng; JUNG, Hyejin. Solving the knowledge filter puzzle: absorptive capacity, entrepreneurship and regional development. **Small Business Economics**, v. 48, n. 1, p. 99-114, 2017.

SCHMITT, Fernando André. **Governança Corporativa nas Cooperativas de Crédito:** Aumentando a Participação dos Cooperados nas Decisões da Cooperativa. **RAGC**, v. 5, n. 18, 2017.

VIACREDI, A **Cooperativa**, Disponível em: <https://www.viacredi.coop.br/sua-cooperativa/a-cooperativa>. Acesso em agosto de 2018.

VILELA, Dirley Lemos; NAGANO, Marcelo Seido; MERLO, Edgard Monforte. Aplicação da análise envoltória de dados em cooperativas de crédito rural. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, n. SPE2, p. 99-120, 2007.

USUY, Eduardo Nobuyuki et al. Cooperativa de crédito atuando como sociedade de garantia de crédito: o caso da Viacredi. 2009.